

via invertida – lia chaia

Inverter é vir depois de ir, o avesso, o oposto, o complemento de todo itinerário. É a viagem de volta por caminhos conhecidos, freqüentados, mas muitas vezes rejeitados, por identificar anormalidades, ilegalidades, regimes políticos sob desvios e perversidades deformantes. A invertida escancara a intenção de suprimir, esquecer, aprisionar ou banir.

A *via invertida* explicita a tensa relação entre a arte e a história da arte, o artista e o artesão, o comum e o genial, a arte e a religião, a paixão e o entendimento. A *via invertida* confirma o inseparável, o desvio, o incômodo, a continuidade da guerra sustentada pelo ideal de paz.

Lia Chaia monta uma generosa *via invertida*. No seu posicionamento e contra-posicionamento propicia encontrar outros percursos, escapes insurgentes diante do inevitável. A *via invertida* de Lia Chaia leva ao rompimento com dicotomias e se abre para os desdobramentos de séries.

A *via invertida* continua experimentações anteriores de Lia Chaia e situa intensas descontinuidades no seu *modo de fazer arte*. Nesta *via invertida* nada se exclui: há isto e aquilo e algo mais intenso. Trata-se de um *entre* isto e aquilo, eu e o outro, o verso e o reverso. Um *entre* que compõe a situação na qual a artista e o frequentador constituem uma ocasião em que ambos não se dissolvem em uma nova identidade, mas afirmam possibilidades múltiplas pela coexistência. Não havendo uma terceira identidade, mas o estranhamento da vivência *entre*, desaparece o indivíduo universal, para dar passagem a pessoas únicas, *divíduos*, multiplicidades em fluxos. A artista não diz, nem estrutura, apenas faz e torna fácil o encontro da pessoa com a arte de existir.

A inversão não se restringe ao esclarecido itinerário refeito e reformado projetado como utopia no futuro. Delimitada, a utopia da inversão é somente a busca do seu outro: o futuro do Homem, o futuro do adolescente, o futuro da criança. Eis um futuro *certo* e protegido, até um alívio para o padecimento ou um sonho com a perfeição! É assim que se concretiza a hesitação, o instante em que o indivíduo delega ao artista (mas também às vanguardas, aos intelectuais, às elites e aos governantes) a representação do ideal humano, e deixa de *querer*.

A inversão mostra as possíveis insurgências, os precipitados alinhavos, a mesmice na crença na reforma, no ideal aperfeiçoado no futuro, a projeção adiante, a imagem incomparável que escancara suas limitações, e que sustenta, ao mesmo tempo, a convicção na genialidade do artista e na aura do objeto criado, os desmandos dos revolucionários, os pequenos fascismos do cotidiano contemporâneo...

A *via invertida* que Lia Chaia mostra, contorna o *desejo* de se parecer com o outro visto e aceito como superior; a artista e sua experimentação oferecem possibilidades de rompimentos com a hierarquia; e sustentam um *modo de fazer* que dá vazão a diferentes invenções, com paixão, alegria, delicadezas e perturbações: com cabeça e corpo em movimentos, fluxos que não se materializam num objeto acabado. A artista não é mais um gênio para dar lugar ao *como* é possível ser artista a qualquer um. Não há mais o objeto de arte acompanhado do mistério de sua criação, apenas a vida inventada como obra de arte.

A *via invertida* de Lia Chaia situa um *entre*. Remete à história da arte, à vida artista que não se identifica com sua biografia. Surpreende o espectador, o apreciador, o estudioso e o crítico provocando viravoltas. Não pretende que suas inovações se restrinjam à dissertação do especialista impressionando mecenas, compradores e proprietários. O *modo de fazer* ao abolir os suportes tradicionais da *arte* se afasta de idéias e ideais sobre o futuro para afirmar o devir. Acontece o deslocamento trazendo o combate com as intermináveis mudanças. Não há mais objeto de arte, o que deve ser visto, o *porque*. Mas intensidades, *como* olhar e ouvir sem a pacificação gerenciada pela escuta, a essência, a síntese dialética.

Lia Chaia faz parte dos *dadas*; os artistas em fluxos, *divíduos* liberados das artimanhas da arte superior e que enfrentam os conceitos, por não se ajustarem a eles e não temerem Dioniso. *Dada é anti*. Se a inversão supõe o posicionamento e o contra-posicionamento, também não deixa de proporcionar o reconhecimento da *fuga* nômade. Então, uma artista pessoa-comum deixa de ser soberana no território da arte para habitar suas bordas, a linha visível e invisível, dilantando fronteiras, não para concretizá-las adiante, mas em constante expansão para serem abolidas em fluxos terrenos ou siderais. A utopia passa a ser uma invenção no presente; deixa de ser utopia para disseminar heterotopias liberadoras. A artista pode arruinar colecionadores, mecenas, conselhos superiores, ministérios, propriedades. Não tem a obrigação de encontrar a verdadeira palavra, a configuração ou a visão do que se cria como ideal. Dissolve o adorado artista genial apartado das pessoas que persistem confinadas ao lugar comum de quem não é artista e tampouco pode ter um objeto de arte como propriedade, ainda que aconteça uma democratização do acesso e da aquisição sob a forma da gravura, fotografia ou simplesmente cópia. O artista heterotópico está atento

para disponibilizar *modos de fazer*. Ele não cria, inventa. Não se posiciona ou contra-posiciona, mas propicia experimentações artísticas inacabadas. Ele/ela resiste e inventa liberdades. Na *via invertida* não cessam as fugas insurgentes!

A vida como obra de arte, ou como Michel Foucault chamou a estética da existência, é pública e impossível de ser domesticada pelos museus – apesar de poder lá ficarem como *exemplos* mortificados, sob o mando do taxidermista de plantão – e de transtornar as galerias atentas e voltadas a ampliar espaços de experimentação de liberdades.

A *Vermelho* e a Lia Chaia propiciam arte para quem passa obliquamente pela vida, e muitas invertidas à razão (e paixão e instintos baixos mesmos) de cada um. Lia Chaia e a *Vermelho* desconhecem estes tempos conservadores de multiculturalistas seres politicamente corretos, os arremedos do entendimento e do universalismo já transpostos. Elas favorecem o cara a cara e não pretendem decretar o lugar do *nova*, apenas fortificam reversões, intensidades e *fugas* insurgentes. Estamos mesmo numa *via invertida* que nos dá invertidas, morô?

Trata-se de um convite para fora da região do amor e do ódio, para outros espaços, inventados por pessoas livres apartadas do consumidor voraz de qualquer produto, de alto ou baixo custo; do cidadão que aprecia deveres, pleiteia direitos e é tolerante, dissimulando sua posição superior em mais esta relação assimétrica. A vida como obra de arte, seu modo de fazer público está na *Vermelho* com Lia Chaia, numa *via invertida*.

heliponto heterotópico

Pousar num heliponto público instalado na horizontal em relação ao eixo da Terra, sem a aeronave barulhenta que se eleva verticalmente carregando em seu interior milionários, executivos, repórteres, agentes policiais, controles vindo do espaço aéreo garantido por quem pretende dominar o celestial.

Pousar obliquamente sem tergiversar como pessoas livres dos controles, dos superiores e de seus zuniados é experimentar silêncios, mesmo no meio de uma algaravia. Silêncio não como a simples ausência de ruídos que permanecem, mas ouvir o silêncio.

Entrar na *Vermelho* pelo heliponto de Lia Chaia é experimentar a sua *via invertida*, pelo avesso aos corpos, cidades, e dionisos, acompanhando rizomas entusiasmantes que não cessam de se alojar e expandir no ar, pelas paredes.

Ao se embrenhar na *Vermelho* (este feminino no masculino), e já deslocada (o) de seu *centro*, cada qual está diante de vias suspensas no ar, compostas até mesmo pela delicadeza da aragem. Carnaval! Serpentinhas de confetes compõem heras da nossa época e de qualquer era: a presença trepadeira de Dioniso e de Lia Chaia saúdam as alegrias na vida e adornam, como guirlandas, a farra de cada um disposto (a) ao inesperado. A arte é o que resiste, à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha, disse, certa vez, o filósofo Gilles Deleuze.

Numa pequena sala inverte-se o tráfego normal pela via oral para devolver, vomitar, expelir. Saturno-Cronos, imenso, devorava pessoas. Lia, miúda, vomita edifícios. Nas mãos de deus as pessoas se debatem ao serem levadas à boca para a deglutição, como registrou Goya com tintas sobre a tela. Enquanto isso edifícios aprumados saem da boca da artista, sem sangue, sem vida: registro em vídeo para a tela em movimento, direto, sem miudear. Cessam as articulações gigantes mordendo músculos e ossos e cérebros para alimento de deus. Apenas uma lenta devolução de frias e esquadrihadas paredes de pessoas nestes ninhos privados, muitas vezes frios e desamparados clamando por um outro deus a lhe devorar as miudezas. Lia Chaia retoma a mulher com língua de folha que ela já foi, anos atrás, e amplia as suas/nossas relações com plantas que vão da botânica à arquitetura: de cada um de nós entram e saem naturezas dissolvendo a *natureza humana*. Pelos nossos buracos não devem mais entrar ou avançar as disciplinares sinalizações como Lia Chaia documentou seu corpo deitado sobre o asfalto de Paris e sob a ameaça dos desproporcionais *sentidos obrigatórios*.

A arte é o que permanece de qualquer cultura. Basta olhar para um sítio arqueológico ou apenas avivar na memória aqueles ainda por vir a público. Cada pessoa daquela cultura podia registrar nas paredes e pedras instantes da vida pessoal e coletiva: arte sem religião, sem magia, somente experimentações de existências. Seus traçados simples e diretos não se disponibilizavam a uma arrogante e civilizada definição de arte rupestre. Lia Chaia olhando para o chão das ruas do México, acionou a máquina fotográfica e registrou anônimas declarações artísticas sobre o cimento fresco das calçadas. Lia, pessoa e artista, não anda de olhos para o chão, conformando seu corpo ereto à curva da obediência. Reverte a docilidade da submissão e afronta o efeito do olhar cabisbaixo para uma nova posição igualitária ao apresentar ao observador um olho no olho com as obras fotografadas distribuídas pelas paredes da *Vermelho*. Trata-se de uma coleção de imagens de anônimos que alteraram o cimento sem aspereza das calçadas com um leque de garatujas a micro esculturas de lisos, rápidos e instantâneos artistas.

Vem do alto, das entranhas; vem do chão: confetes, edifícios e esculturas ou simplesmente desenhos, como imagens ou palavras deixadas na areia para serem levadas pela maré, coisa

de criança, de jovens apaixonados, de padre à virgem, de Lia para si mesma, registrada em fotos e muito vistas pelas cidades. Muita Lia era o que se via, e agora, invertida, intensa Lia!

Andar superior da *Vermelha*. As trepadeiras agora sobem em direção ao sol e fotografadas sob o efeito avermelhado da estação do ano européia. Sobre elas, tal qual seu inverso, elevam-se as trepadeiras criadas por Lia Chaia (uma *Hera Lia*, outra deusa, talvez, uma araliácea que a botânica ainda não registrou?). Como no muro lateral da galeria pintado desde o ano passado pela Lia e que está sendo tomado por *unhas de gatos*. Mas diferente das trepadeiras no andar térreo que descem do espaço celestial. Inversões! Agora, aqui no alto, neste pavimento superior, estamos diante da representação sobre a representação. Sabemos que o muro de trepadeiras também já foi tragado pela sede do museu de nossa era, como ocorreu no recém-inaugurado Quai Branly, em Paris. Enfim, se em cada foto disposta isto não é um muro de trepadeiras, sobre ele também não cresce um muro de heras. Mas serão representações de muros de trepadeiras, lembrando a frase do pintor surrealista e milimetricamente tratada pelo filósofo?

Ao lado destes muros sobrepostos é possível percorrer paredes repletas de abstratos, o outro lado da representação do real, documentado em fotos que compõem uma diária reportagem semestral da autora, quando observou do alto do edifício o terreno em reforma. Indiscernível à primeira vista aos poucos nos remete à imagem do mesmo (espaço) no futuro (restaurado). Desta vez, o encarar se assemelha ao convencional, explicitando que nem toda inversão contém uma *fuga* insurgente. Conta-se assim, em dois instantes, mais um episódio da história da arte moderna complementados por uma *instalação* em que automóveis adulterados vivem em choque pelas paredes de um espaço disciplinado: o que era para ser vias, planas e diretas a um ponto determinado se transforma numa cela retangular de onde nunca se sai, até acabar literalmente *suas pilhas*. O panóptico, dentro da prisão não só vigia e pune, mas exerce o direito de deixar morrer. É neste andar superior que Lia Chaia distribui os efeitos da criação.

A vida inventada está embaixo, nos começos mesquinhos de quem faz seu próprio carnaval, desenha na calçada do outro, vomita o insuportável. Ali se faz da *via invertida* outras *vias*. Ali há mais do que isto e aquilo (desconcertando quem acha que a vida é isto ou aquilo), pois reside o *entre*. Entre!

As perturbações e as delicadezas brotam naquela grande sala da *verticidade*, que funde o superior e o inferior e suprime, definitivamente, a hierarquia na *invertida* experimentação.

Há uma chuva que cai, e não a representação da chuva. Ponto! Pingos... No chão estão os efeitos do começo meio ou fim da chuva? Estes pingos formam, formaram ou formarão poças para pisar, alagamentos, aquaplanagens, açudes para estancar a sede, ou somente um imenso espelho d'água para se olhar ou me mirar invertido? *I'm singing and dancing in the rain*. Depois do *Toró* que Lia lançou sobre nós em 2005, quando se notavam edifícios espelhados nas poças d'água, *verticidade* lança prédios sobre nós, ou não? É somente a chuva, o toró, outra chuva, um toró. Um delicado temporal. Uma constante perturbação. Um *modo de fazer*.

edson passetti

professor na puc-sp e edita com o coletivo nu-sol a revista semestral autogestionária *verve*.